

LITERATURA REGIONAL: UMA VIA PARA ESTUDOS SOBRE FAMÍLIA

*Socorro Pereira **



Foto: Jovino Balbinot

Os recentes estudos sistemáticos sobre a família no Brasil têm demonstrado que a concepção de uma estrutura familiar patriarcal não responde adequadamente às questões a respeito da temática. Da forma como bem expõe Marisa CORRÊA, a família no Brasil não mantém realmente uma unidade de formas de organização. Pelo contrário, o modelo que, tradicionalmente, alguns estudiosos tomam como sendo o dominante, parece ser na verdade, ou melhor dizendo, ter sido, o modelo de família da classe dominante. Também Gilberto VELHO, ao tratar de família, indivíduo e subjetividade, afirma crer “não existir UMA família brasileira” (G. do A.). E continua:

“Sem dúvida há diferenças relacionadas à classe social, a grupo de status, a grupo de ethos, tradições regionais, etc. A família patriarcal de Gilberto Freyre, construída como modelo não é encontrada, contemporaneamente, andando na rua, não é localizada; contudo, existe uma memória, algo semelhante à família patriarcal”. (G. do A.)

No Nordeste, região em que a produção agrícola predominou historicamente, tendo inclusive vivido ciclos de intenso progresso econômico centrado em produtos como o algodão e a cana-de-açúcar, não se dá diferentemente do que ocorre em outras regiões do País: também aqui é possível observar a existência simultânea de tipos diferentes de organizações familiares, pois que também diferentes classes conviveram e convivem, construindo a história.

Uma das vias, através da qual é possível obter-se um manancial de contribuições para uma história da família no Nordeste é, a meu ver, a literatura regional, os romances de autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, dentre outros, tendo em vista uma cer-

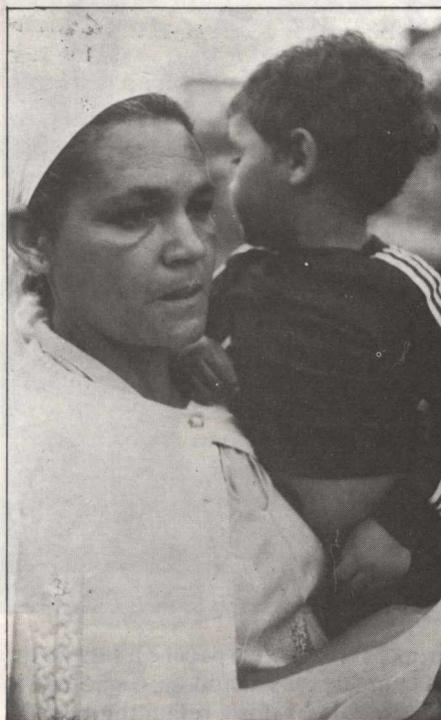


Foto: Ana Valin

ta exigüidade de textos na literatura sociológica a este respeito. Essa exigüidade — que tende a diminuir cada vez mais, reside muito mais nos aspectos sob os quais se analisa a família do que propriamente no número de estudos que sobre ela se fazem.

Como bem coloca CORRÊA, existem “áreas de sombra sobre este campo”, não apenas pela visão de que “a família é um mal a ser combatido” ou de que ela “é a célula-mater da sociedade”, mas “porque deixamos de incorporar à nossa reflexão uma perspectiva crítica a respeito da forma como ele (o tema “família”) tem sido historicamente tratado em nosso país”.

O exame à literatura regional nordestina pode fornecer dados indicadores de como se organizam os espaços familiares, em especial num determinado momento histórico da região — como o da passagem de uma economia essencialmente agrícola para uma economia industrial-agrária (morte dos engenhos surgimento das usinas de açúcar). Nos textos literários, é possível perceber, através da observação do cotidiano das personagens, a dinâmica vivida no seio dos diversos grupos familiares, o que possibilita, em certa medida, uma espécie de fotografia da(s) família(s) no período abordado. Textos de José Lins do

Rego e de Graciliano Ramos, por exemplo, são ricos na revelação da existência de família que, embora se entrelacem na vivência de uma realidade que as aproxima e as afasta, pouco têm a ver uma com a outra, enfrentando diferentemente, cada uma, seu processo de evolução e mudança.

Em São Bernardo, Graciliano, ao mesmo tempo em que conta a história particular de um homem empreendedor (Paulo Honório), mostra-nos “a construção de um burguês”, nas palavras de Carlos Nelson Coutinho: quebram-se as correntes do patriarcalismo, inicia-se a era do liberalismo, do individualismo. Cada um faz-se por si (como Paulo Honório se fez), a sociedade permite-o e, na verdade, exige-o. O milagre do “self-made man” torna-se possível: é o homem dono de uma objetividade implacável, é o indivíduo investido do sentimento dominante e dominador que é o sentimento de propriedade. Um sentimento que se dirige também em direção e sobre a mulher. Após conquistar as terras, os bens de São Bernardo, vem a posse a ser exercida sobre Madalena. A apropriação que Paulo Honório faz das coisas, faz do mesmo modo, das pessoas, reduzindo-as (ou tentando fazê-lo) a objetos de sua posse. Encontra, porém, um obstáculo: Madalena, a quem ele não consegue dominar, e cuja morte é, na verdade, uma profunda demonstração de resistência aos objetivos dele.

José Lins do Rego, em obras às quais ele próprio chama de romances do “Ciclo da Cana-de-Açúcar”, escrevendo “memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos”, faz um retrato do processo de desaparecimento do engenho de açúcar tradicional, que “dá” lugar à grande empresa, à indústria moderna que é a usina. Engolindo os engenhos, exigindo, para o plantio da cana, cada centímetro de terra, eliminando a agricultura de subsistência, expulsando os antigos agregados dos banguês para a caatinga, transformando-os em trabalhadores rurais, a usina provoca profundas mudanças no contexto sócio-econômico-político-cultural da Região Nordeste. Nesse retrato, além de se encontrarem os meninos de engenho, e “os que nem

o nome de menino podiam usar, os chamados 'moleques da bagaceira', como explica José Lins, encontram-se ainda as mudanças que foram ocorrendo com a família do senhor do engenho: a perda de vitalidade do senhor, chefe da família, de sua posição social, de seu poder político, ocorre paralelamente à desagregação dos membros da família (filhos, irmãos, genros, noras, netos...) e dos que, morando no engenho, fazem parte do grande grupo familiar.

Por outro lado, o autor, ao narrar suas histórias, não trata apenas das famílias proprietárias. Ele enfoca também a vida dos agregados e, com a chegada da usina, a saída deles para a periferia das cidades. Família? Famílias... diferentes. Sob um mesmo nome — FAMÍLIA —, grupos com estruturas diversas, lugares diversos, condições de vida opostas, inserção diversa no interior da sociedade.

"Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu.

... vi minha mãe estendida no chão e meu pai caído em cima dela... Três dias depois da tragédia, levaram-me para o engenho de meu avô materno... O Tio Juca, que fora me buscar, contava a história..." (Menino de Engenho)

"Ricardo ficou sozinho... A mãe se fora para a cozinha da casa-grande. Talvez nunca mais visse Mãe Avelina por toda sua vida. Queria-lhe bem. Vira desde que se entendera de gente ela dormindo com outros homens. ... Avelina era mãe para tudo. Não lhe fazia inveja a mãe de ninguém. Trabalhava na casa-grande e ainda lhe sobrava tempo para ter um roçado. ... E os cinquenta mil-réis que fazia na colheita, gastava com eles." (O Moleque Ricardo)

Os trechos acima dão uma pequena amostra de como se revelam, nas narrativas dos romances, as relações sociais, tornando possível, a partir delas (das narrativas), reconstruírem-se de forma mais clara situações do cotidiano das personagens, indivíduos de uma dada realidade: no caso, a nordestina de fins do século passado e inícios deste.

As mudanças ocorridas na(s) estrutura(s) familiar(es), a composição dos



Foto: Arquivo CEM

grupos familiares, o papel e a função de cada um de seus membros, o caráter e a "qualidade" dos relacionamentos juntam-se ao fato de que os romances resguardam a existência de tipos diferentes de família: cada personagem tem a sua, convivendo simultaneamente numa rede de relações das quais se depreendem as determinações das formas que a instituição familiar assume nessa convivência.

Ainda que os autores romancistas possam ter recebido larga influência do pensamento de que "a família brasileira seria o resultado da transplantação e adaptação da família portuguesa ao nosso ambiente colonial, tendo gerado um modelo com características patriarcais e tendências conservadoras em sua essência", na verdade seus escritos denunciam uma realidade múltipla. José Lins, por exemplo, embora tenha uma obra que reflete o mundo do patriarcalismo rural, e tenha mesmo influência de Gilberto Freyre, com suas idéias sobre a formação social brasileira, ofere-

ce-nos a possibilidade de uma leitura através da qual se resgatam as "outras famílias" que não obedecem ao modelo patriarcal — as famílias dos trabalhadores do engenho, da usina, do campo e da cidade, sobretudo porque a narrativa reconstrói o contexto real dos diversos grupos familiares.

Ao citar aqui excertos de Graciliano e de José Lins, faço-o não com a intenção de que se busque neles um processo de evolução da(s) família(s), mas a manifestação da convivência de uma multiplicidade de formas de expressão do ser dessa(s) família(s): em Graciliano (São Bernardo), aflora a constituição de uma unidade de características burguesas; em José Lins, a inegável multiplicidade vem à tona. Aparecem as mulheres chefes de família (a mãe do moleque Ricardo, por exemplo); os irmãos-filhos de pais diferentes e desconhecidos; as mulheres que se recusam à submissão ao marido (Madalena, em São Bernardo) e as que, sem essa submissão em troca de proteção, não sobreviveriam; as crianças que são apenas crianças e aquelas que, com seu trabalho, contribuem para, ou até garantem, a sobrevivência dos membros de seu grupo familiar.

A riqueza da obra literária está justamente em nos apresentar não um retrato estático da vida, mas uma releitura do cotidiano — multiforme, multifacetado, e pleno de movimento. As palavras de Marisa LAJOLO são oportunas para finalizar aqui, lembrando ao "atilado leitor" que

"... a literatura foi e é sempre realista... Por mais deformado, transformado ou transfigurado que seja, o real esteve e está nos livros, para quem quer vê-lo".

* Socorro Pereira é Profª do Depto. de Educação da UFPB/Campus II — Campina Grande.

Bigliografia

CORRÊA, Marisa, **Repensando a Família Patriarcal Brasileira**. In: Colcha de Retalhos — Estudos sobre a Família no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 42ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1984.

REGO, José Lins, **O Moleque Ricardo/Menino de Engenho**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,

1984/1985.

VELHO, Gilberto. **Família e Subjetividade**. In: ALMEIDA, Ângela M. de. **Pensando a Família no Brasil — Da colônia à Modernidade**. Rio de Janeiro, Co-edição Espaço e Tempo/ED. da UFRJ, 1987.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. São Paulo, Brasiliense, 1984.